RESUMO
O presente artigo tem como objetivo evidenciar a importância da relação da compreensão do desenvolvimento psicológico na deficiência intelectual. Apresenta uma análise sobre o desenvolvimento humano segundo Freud. Através do exposto, será notório observar que os instintos são fatores que promovem e impulsionam a dinâmica da personalidade dos homens; são as forças biológicas que liberam a energia mental. Freud expõe que existem os instintos de vida, as pulsões de vida (eros), e os instintos ou pulsões de morte (thanatos), que são uma força destrutiva. Freud evidencia a deficiência intelectual e os mecanismos de defesa, que é necessário compreender as razões das patologias, os mecanismos inconscientes que levam os indivíduos a apresentarem determinadas energias pulsionais. Por fim, este artigo também evidencia a consciência e o intelecto segundo Wallon. A metodologia empregada baseia-se nas referências bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Deficiência. Intelecto.

ABSTRACT
This article aims to highlight the importance of the relationship of understanding of psychological development in intellectual disability. Presents an analysis of human development according to Freud. From the above, it will be clear to observe that instincts are factors that promote and drive the dynamics of human personality; the biological forces that release mental energy. Freud explains that there are life instincts, life drives (eros), and death instincts or drives (thanatos), which are a destructive force. Freud highlights the intellectual disabilities and defense mechanisms, and that it is necessary to understand the reasons for pathologies, the unconscious mechanisms that lead individuals to present certain drive energies. Finally, this article also stresses awareness and intellect second Wallon. The methodology is based on bibliographic references.

KEYWORDS: Development. Disabilities. Intellect.

INTRODUÇÃO

Ego, Superego e Id são instâncias que formam a psique humana, de acordo com a Teoria da Personalidade, desenvolvida por Sigmund Freud em seus estudos sobre a psicanálise. São esses três componentes que estruturam a personalidade do ser humano, e são as representações da impulsividade, da racionalidade e da moralidade, respectivamente.

Para Freud (apud SCHULTZ; SCHULTZ, 1992, p. 344), o id é "um caos, um caldeirão repleto de fervilhantes excitações e não conhece juízos de valor, nem o bem, nem o mal, nenhuma moralidade".

O ego serve de mediador entre o id e o meio exterior. Para Bock (2002), o ego proporciona o equilíbrio entre as exigências do id e as exigências da realidade, do ego e do superego. Essa estrutura do aparelho psíquico é regida pelo princípio da realidade. O ego representa o eu, a racionalidade, e ajuda as pessoas a pensarem, ajuda-as a não agirem pelos impulsos do id.

O superego é a parte controladora do pensamento. Ele se desenvolve desde a infância, quando os pais repreendem as ações dos filhos, e é formado pelas restrições morais. Para Bock (2002, p. 77), o superego representa "a moral e os ideais que são funções do superego. O conteúdo do superego refere-se às exigências sociais e culturais". É no superego que aparece o sentimento de culpa quando a pessoa faz algo errado ou fica se punindo, mesmo que o ato incorreto não tenha ocorrido. O superego é constituído pelos julgamentos que estão presentes na mentalidade dos indivíduos e são formados por meio de valores morais e sociais transmitidos pela cultura. Freud chamava atenção para o papel do Estado, da família e da igreja como formadores do superego na personalidade das pessoas.

Em termos gerais, Bock (2002, p. 77) caracteriza a segunda teoria do aparelho psíquico descrita por Freud a partir das três instâncias:

O id constitui o reservatório da energia psíquica, é onde se "localizam" as pulsões: a de vida e a de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente, na primeira teoria, são nesta atribuídas ao id. É regido pelo princípio do prazer.

O ego é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as "ordens" do superego. Procura "dar conta" dos interesses da pessoa. É regido pelo princípio da realidade que, com o princípio do prazer, rege o funcionamento psíquico. É um regulador, na medida em que altera o princípio do prazer para buscara satisfação, considerando as condições objetivas da realidade. Neste sentido, a busca do prazer pode ser substituída pelo evitamento do desprazer. As funções básicas do ego são: percepção, memória, sentimentos, pensamento.
O superego origina-se com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A moral, os ideais são funções do superego. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais.
Como existem conflitos intermitentes no desenvolvimento humano, as pessoas têm que conciliar os desejos do id, atender às demandas do ego e lidar com a perfeição e o controle do superego.
A noção de id está relacionada aos instintos do homem, ou seja, aos seus impulsos. O homem possui diferentes instintos e impulsos. Existem movimentos do id na busca de satisfação libidinal. O ego também procura satisfazer sua libido e realizar uma relação consigo mesmo, esse processo é denominado de narcisismo primário.
Freud considera que o homem possui dois instintos básicos que representam forças opostas. De um lado, está o instinto sexual e, de outro, o da agressividade, o instinto destrutivo. De certa forma, para sobreviver, o homem precisa da união desses dois polos. Ou seja, o homem precisa ser regido pelo princípio da vida, do prazer, mas também precisa direcionar-se pelo princípio da realidade, pois não é possível se orientar somente pelo princípio do prazer, nem tampouco apenas pelo princípio da realidade. Na vida, são necessários momentos de fantasia, mas também de enfrentamento dos problemas e situações.
As pulsões de vida e de morte alternam-se no processo de desenvolvimento humano e também podem se repetir: as pessoas estão ora felizes, ora tristes. Existem processos de êxtase e descontentamento com a vida que se alternam e se repetem.
Para Schultz e Schultz (1992), Freud classifica os instintos da vida como os da fome e os da energia sexual. Eles estão voltados para a autopreservação e sobrevivência da espécie. Os instintos da morte estão voltados para a destruição e facilmente podem ser notados em condutas masoquistas, no suicídio, em reações de ódio e agressão.
Os instintos de conservação não podem ser protelados por muito tempo. Os instintos sexuais podem ser adiados e concomitantemente a sua energia transformada em benefício de outras atividades.

DESENVOLVIMENTO
Freud procurou desenvolver sua teoria fundamentada nas considerações sobre o papel e a influência da sexualidade nas condutas humanas. Nesse processo, ele percebeu que o desenvolvimento da sexualidade ocorre através de diferentes fases, que se iniciam desde o nascimento do bebê. A fase do complexo de Édipo é uma fase importante para compreensão de como se forma o superego na criança, o sentimento de culpa e a necessidade do castigo.
Fase oral: Nome dado à fase de organização libidinal que se estende desde o nascimento até o desmame. Essa fase poderia ser chamada também de fase bucal, posto que está sob a primazia da zona erógena bucal.
A necessidade fisiológica de chupar surge nas primeiras horas de vida. Apesar de saciado, durante o sono o bebê permanece a sugar os lábios. O prazer da sucção é autoerótico e independe das necessidades alimentares. O sujeito não tem noção de um mundo exterior diferenciado dele. Grada-

tivamente, a criança identifica-se com sua mãe e se desenvolve armazenando passivamente as palavras, os sons, as imagens, as sensações.
Essa é a fase oral em sua primeira forma passiva. As primeiras palavras são uma conquista que exige esforço, recompensado pela alegria e as carícias do meio familiar. Paralelamente, aparece a dentição, com sofrimentos que exigem ser aliviados pelo ato de morder. A criança encontra-se, agora, num período oral mais avançado, ativo, e morde tudo que lhe vem à boca: objetos, seio (se ainda é lactente).
De acordo com Barros (1993), para a concepção psicanalítica, a passagem segura pela fase oral tem consequências muito importantes na vida dos indivíduos:

Se as necessidades forem satisfeitas, a pessoa crescerá de maneira psicologicamente saudável, se não o forem, seu ego está imperfeito. Por exemplo, se as necessidades orais forem frustradas durante este período, por desmame prematuro, por afastamento rigoroso de todos os objetos para sugar (inclusive o polegar), o ego poderá ser incapaz de superar os desejos orais frustrados. Alguns psicanalistas atribuem o alcoolismo, por exemplo, às frustrações na fase oral. (BARROS, 1993, p. 82)

A fase anal: Para o sujeito de um a três anos da idade, a maior parte dos relacionamentos com os adultos está circunscrita pela alimentação e a aprendizagem do asseio esfincteriano. No segundo ano de vida, sem destronar a zona erógena bucal, a maior importância está na zona anal.
O sujeito atinge um maior desenvolvimento neuromuscular: a libido que provocava a sucção lúdica da fase oral provoca agora a retenção lúdica das fezes e da urina. Parece ser essa a primeira descoberta do prazer autoerótico, que é um dos componentes normais da sexualidade. Os cuidados higiênicos que se seguem à excreção são proporcionados pela mãe. Portanto, a atuação materna determina a atmosfera agradável ou não no uso do banheiro pela criança.
Na fase anal, a criança teme de forma acentuada a aprovação ou rejeição dos pais se não conseguir controlar os esfíncteres. Muitos pais exageram e reprimem a criança por não conseguir ter autonomia para usar o banheiro. Em alguns casos, a ansiedade das crianças é tanta para não desagradarem os pais e não serem repreendidas, que elas não conseguem executar essa tarefa. Dessa maneira, nessa fase é comum encontrar crianças com intestino preso, ou urinando na cama.
Esses são alguns mecanismos que mostram que o psiquismo influencia no controle ou descontrole de questões biológicas.
Para Barros (1993), as consequências futuras para uma criança que se fixa na fase anal é que esta traz dificuldades de desprendimento material que prejudicam o ego da pessoa adulta:

Psicanalistas atribuem a avareza, a exagerada preocupação com a limpeza e a meticulosidade (no adulto) às frustrações ocorridas na fase anal. Esses traços constituem a personalidade anal. A avareza é o prazer pelo acúmulo e guarda de bens, poderia ter-se originado do prazer que a criança experimentou em reter as fezes. (BARROS, 1993, p. 83)

Barros (1993) também adverte que, segundo a interpretação psicanalítica, a preocupação excessiva com limpeza e ordem na vida adulta pode ser reflexo das exigências dos pais quando os filhos eram crianças.
Fase fálica: A partir da fase oral, no bebê, assistimos o despertar da zona erógena fálica: o pênis no menino e o clitóris na menina. A causa fortuita será, provavelmente, a excitação natural da micção, somada aos contatos repetidos decorrentes da assepsia e de outros cuidados higiênicos.
As famílias e os educadores ficam preocupados quando a criança começa a se tocar, a conhecer e explorar seu próprio corpo. Eles tendem ou a reprimir as atitudes das crianças ou a ignorar. É muito difícil encontrar pessoas preparadas para orientar a criança e compreender que essas características fazem parte do processo de desenvolvimento.
Antes do terceiro ano, começa a curiosidade sexual, em pleno período sádico-anal. Essa curiosidade visa primeiramente a saber de

onde vêm os bebês. Tal interesse pode ser despertado por diferentes razões: novo nascimento na família, identificação com companheiros de brincadeiras, descontentes ou satisfeitos com a chegada de um irmão ou irmã.

Os "por quês?" aflitos e insistentes das crianças de quatro anos, que mal escutam as respostas do adulto, só aparecem após as primeiras reações às perguntas diretamente sexuais feitas aos adultos e da noção de "proibido" que as crianças extraem das respostas obtidas. Nessa fase, ocorre o período que Freud denominou complexo de Édipo nos meninos e complexo de Electra nas meninas. Freud gostava muito de utilizar os mitos para composição de sua teoria. Nesse caso, ele utilizou personagens da tragédia grega para apresentar a sua teoria.

No complexo de Édipo, Freud baseou-se na tragédia de Sófocles, Édipo Rei, para explicar o tabu do incesto. Segundo a mitologia, Édipo, quando nasceu, foi abandonado por sua família, pois uma vidente teria previsto que Édipo iria matar seu pai, Laio, e casar com sua mãe, Jocasta. Ao saber dessa previsão, Laio abandona o filho que foi criado por uma outra família em um lugar distante. Anos se passaram e Édipo cresceu longe de sua cidade natal. Porém, quando jovem, ao consultar o oráculo, recebeu a mesma previsão. Sentiu necessidade de sair do vilarejo onde morava para fugir do seu destino. Em uma das cidades pela qual passava encontrou com Laio e discutiu com o mesmo. Sem saber que era seu pai, ele o matou. Continuando suas caminhadas, ele vai para a cidade onde está sua mãe Jocasta. Para entrar na cidade ele teve que decifrar o enigma da esfinge conseguindo com isso casar-se com Jocasta por quem se apaixonou. Após casar-se com a mãe, anos depois, o cego e sábio Tirésias revela a verdadeira estória de Édipo. Com isso, Édipo sente-se culpado da situação, fura os olhos e torna-se andarilho, e Jocasta se enforca.

No decorrer da fase anal, sucedem-se vários processos e ocorrências. Desses eventos, destaca-se o complexo de Édipo, pois em torno dele se dá a estruturação da personalidade do indivíduo. Acontece entre os dois e os cinco anos de idade. Nele, a mãe é o objeto de desejo do menino e o pai é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado.

Nesse período, o menino busca competir com o pai para conseguir o amor da mãe. Ele fica muito envolvido com ela, têm ciúmes da mãe, e procura imitar algumas características do pai. É solícito com a mãe, tenta resolver os problemas e ajudá-la.

Ele procura então se assemelhar ao pai para ter a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento, passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna. Posteriormente, por medo do pai, desiste da mãe, isto é, a mãe é trocada pela riqueza do mundo social e cultural e o garoto pode, então, participar do mundo social, pois tem suas regras básicas internalizadas por meio da identificação com o pai. Esse processo também ocorre com as meninas, sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação.

Fase de latência: A fase de latência é empregada na aquisição dos conhecimentos necessários à luta pela vida, iniciando um aspecto mais racional dessa luta. Progressivamente, as faculdades de sublimação entram em jogo. Tendo em vista a repressão do interesse sexual, evidencia-se o aspecto cultural da fase de latência: as crianças se interessam por atividades culturais, por lazer e atividades escolares, são ativas nessas áreas, mas em relação à sexualidade ficam passivas.

O valor e a importância das sublimações da fase de latência são muito grandes. Não só porque é nessa época que se esboçam as características sociais do indivíduo, mas igualmente porque o modo como a criança utiliza esse período faz com que ela fixe ou não, exagere ou elimine os componentes arcaicos e os componentes perversos da sexualidade.

Na fase de latência, que corresponde ao período de 7 a 12 anos de idade, a criança reprime os seus impulsos e se volta mais para as questões escolares e de socialização com seus amigos da escola. Nessa fase, aparecem barreiras mentais que impedem que a criança manifeste sua libido. Ela tem vergonha de mostrar suas emoções e os impulsos sexuais são sublimados para outras atividades, e sente prazer em brincar com os colegas, em realizar atividades escolares, esportivas, de

lazer e artísticas.
Fase genital: Essa fase depende do desenvolvimento saudável da fase anterior - a da latência. Com o aparecimento da ejaculação no rapaz, bem como do fluxo menstrual e do desenvolvimento mamário da menina, a puberdade proporciona elementos que faltam para a compreensão do papel do homem e da mulher na concepção.
Nessa fase, dos 12 aos 16 anos de idade, os adolescentes começam a se conscientizar de suas identidades sexuais. Há um retorno à energia sexual e aos órgãos sexuais. Os adolescentes procuram se relacionar uns com os outros e procuram satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais.
Em todas essas fases do desenvolvimento, desde a infância até a adolescência, está presente a descoberta do eu e dos traços da personalidade.

DEFICIÊNCIA INELECTUAL E O MECANISMO DE DEFESA

Na procura de uma compreensão mais global das deficiências em geral, em 1980, a OMS propôs três níveis para esclarecer todas as deficiências, a saber: deficiência, incapacidade e desvantagem social. Em 2001, essa proposta, revista e reeditada, introduziu o funcionamento global da pessoa com deficiência em relação aos fatores contextuais e do meio, recitando-a entre as demais e rompendo o seu isolamento. Ela chegou a motivar a proposta de substituição da terminologia "pessoa deficiente" por "pessoa em situação de deficiência". (Assante, 2003), para destacar os efeitos do meio sobre a autonomia da pessoa com deficiência. Assim, uma pessoa pode sentir-se discriminada em um ambiente que lhe impõe barreiras e que só destaca a sua deficiência ou, ao contrário, ser acolhida, graças às transformações deste ambiente para atender às suas necessidades. (MEC, 2007, p.13)
A Convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto nª 3.956/2001, no seu artigo 1ª define deficiência como [...] "uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social". Essa definição ratifica a deficiência como uma situação. A deficiência mental constitui um impasse para o ensino na escola comum e para a definição do Atendimento Educacional Especializado, pela complexidade do seu conceito e pela grande quantidade e variedades de abordagens do mesmo. A dificuldade de diagnosticar a deficiência mental tem levado a uma série de revisões do seu conceito.
Também incluem vários outros sintomas de manifestações dessa deficiência, como:

a [...] dificuldade do aprendizado e comprometimento do comportamento, o que coincide com outros diagnósticos de áreas diferentes. O diagnóstico da deficiência mental não se esclarece por supostas categorias e tipos de inteligência. Teorias psicológicas desenvolvimentistas, como as de caráter sociológico, antropológico têm posições assumidas diante da deficiência mental, mas ainda assim não se conseguiu fechar um conceito único que dê conta dessa intrincada condição. A Psicanálise, por exemplo, traz à tona a dimensão do inconsciente, uma importante contribuição que introduz os processos psíquicos na determinação de diversas patologias, entre as quais a deficiência mental. A inibição, desenvolvida por Freud, pode ser definida pela limitação de determinadas atividades, causada por um bloqueio de algumas funções, como o pensamento, por exemplo.

O termo "defesa foi usado por Sigmund Freud em 1894, em As Psiconeuroses de Defesa, mas foi em 1926, em Inibição, Sintoma e Ansiedade, que ele adquiriu seu verdadeiro grau de importância, levando Anna Freud a descrever uma variedade de mecanismos de defesa com base em exemplos concretos. No sentido que hoje lhe é atribuído pela comunidade psicanalítica, a palavra defesa exprime uma série de operações efetuadas pelo ego diante dos perigos que procedem do id, do superego e da realidade externa.
Para evitar a angústia provocada pelas situações de perigo e ameaça à sua constância, o ego lança mão dos mecanismos de defesa. Portanto, as defesas nada mais são do que operações efetuadas pelo ego visando a re-

duzir ou suprimir os estímulos externos ou internos que o invadem e lhe causam desprazer. Portanto, as estruturas defensivas não são exclusivas da patologia: elas fazem parte, normalmente, do ajustamento, da adaptação e do equilíbrio da personalidade, enquanto a patologia está na quantidade de defesa utilizada, na sua rigidez etc. Cada estrutura terá tipos específicos de defesa e os mecanismos de defesa são mobilizados pela parte inconsciente do ego.

No consultório, através das análises de seus pacientes, Freud observou, pelos relatos dos mesmos, que eles expressavam seus sofrimentos, assim como diferentes maneiras de se defender dos conflitos. Nesses mecanismos existia um retorno às ações infantis, ou seja, algumas questões que não estavam bem resolvidas na fase adulta, em momentos de angústia, faziam o indivíduo retroceder para comportamentos emocionais bem primitivos. Esse retrocesso trazia à tona, para as pessoas, aspectos repressivos que estavam guardados no inconsciente. Freud também considerava que as pessoas, quando experimentam sentimentos dolorosos, que não conseguiam resistir, elas apresentavam duas condutas: ou expulsavam de suas mentes ou reprimiam esses acontecimentos. Esses processos são denominados de recalques pelos psicanalistas.

De acordo com Wagner (1996), Freud considera a repressão como parte do próprio ego e que age inconscientemente. Ela é responsável pela estrutura neurótica. Para Freud, a repressão tem um caráter dinâmico, pois as forças antagônicas estão em luta permanente e também está localizada no interior do aparelho psíquico (na fronteira entre o ego - a face consciente - e a parte do id reprimido). De acordo com Fadiman e Frager (1986, p. 19): "a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância". Os mecanismos de defesa, portanto, são processos inconscientes utilizados pelos indivíduos para o enfrentamento dos perigos externos e a tentativa de resolução dos conflitos. A seguir, serão descritos os diferentes tipos de mecanismos de defesa.

Projeção é "o ato de atribuir a uma outra pessoa, animal ou objeto as qualidades, sentimentos ou intenções que se originaram em si próprios" (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 22). É o mecanismo de defesa por meio do qual os aspectos da personalidade de um indivíduo são deslocados de dentro dele para o meio externo.

A projeção está ligada a um mecanismo de defesa primário fundamentalmente definido pela ação de expelir, de expulsar alguma coisa desagradável, desprazerosa, mas que foi anteriormente introjetada: o que se projeta é aquilo que já foi introjetado. Tem a projeção o efeito de colocar no lado de fora (fora do ego) alguma coisa julgada indesejável, mas que surgiu no lado de dentro: o perigo é então externalizado. Mediante a externalização, a projeção é um meio de autodefesa contra o interno.

Embora a projeção esteja presente nos quadros neuróticos e psicóticos, constituindo-se na base para os delírios de perseguição do paranoico, a projeção, como atividade defensiva, está presente no cotidiano das pessoas ditas normais.

A projeção ocorre quando uma pessoa se projeta na outra. Ou seja: ela atribui qualidades e distorções desejáveis e indesejáveis em outra pessoa. Às vezes, um indivíduo identifica-se com um ídolo e quer assumir todas as características dele. Outro mecanismo de defesa em que o indivíduo se utiliza da projeção se dá quando ele não gosta de uma pessoa e encontra com outra que possui traços fisionômicos parecidos com os da primeira. O indivíduo passa a agredir essa segunda pessoa, pois internalizou o fato de que tal pessoa não lhe faz bem. Dessa maneira, ela generaliza comportamentos negativos e não se dá conta de que as pessoas são diferentes.

O isolamento consiste em separar um pensamento ou comportamento de tal modo que se acham rompidas as suas conexões com outros pensamentos ou com o resto da existência do indivíduo. É a tentativa de se distanciar das experiências ameaçadoras. Por exemplo, um pensamento ameaçador é literalmente separado dos pensamentos que o precederam e dos que o seguem por um breve período. Uma situação típica na prática terapêutica é a dificuldade dos pacientes para associar livremente suas ideias,

de modo a não entrarem em contato com algo perturbador.
O isolamento também é um mecanismo de defesa no qual as pessoas evitam os contatos sociais, os eventos e encontros em que precisam mostrar suas qualidades ou defeitos.
Negação é o processo por meio do qual o indivíduo desconsidera uma parte da realidade externa ou interna, desagradável ou indesejável, seja por meio de uma fantasia de satisfação de desejos, seja pelo comportamento. É a tentativa de não aceitar na realidade um fato que perturba o ego. O adulto tem a tendência de fantasiar que certos acontecimentos não são assim, que na verdade não aconteceram. Por exemplo, um rapaz que não seja popular entre as garotas pode convocar uma fantasia de que é um grande sedutor.
Porém, toda negação da realidade traz um prejuízo à vida, empobrece o viver. A negação é o mecanismo herdeiro do recalque, já que geralmente o aparelho psíquico permite a entrada parcial no espaço consciente daquilo que foi previamente reprimido. Embora apareça nos quadros neuróticos e psicóticos, a negação é um mecanismo básico nas perversões. O pervertido é a pessoa cujo prazer sexual está bloqueado pela ideia da castração e por meio do ato perverso ela tenta provar que não existe a castração.
Fadiman e Frager (1986) consideram que a negação é um mecanismo de defesa no qual os indivíduos recordam de fatos de forma incorreta, de maneira diferente da qual foram realizados. Ou seja, esses indivíduos negam suas ações.
A anulação consiste no aparecimento de ações cuja finalidade é contestar ou desfazer um dano que, inconscientemente, o indivíduo imagina que pode ser causado por seus desejos, sejam desejos sexuais ou hostis. Um exemplo clássico é o da pessoa que vai verificar se a torneira do gás está fechada: primeiramente ela abre a torneira para depois fechá-la novamente.
Introjeção "é o processo que consiste na assimilação, por parte do sujeito, de atributos ou qualidades de um determinado objeto do mundo exterior". Na criança em desenvolvimento, esse mecanismo enriquece o ego, já que a identificação é realizada por meio da introjeção. Tudo que agrada, que é prazeroso, é introjetado. No adulto, a introjeção cria verdadeiros espaços internos e o relacionamento do sujeito vincula-se à fantasia, em prejuízo de um contato mais intenso com a realidade exterior.
Assim, se as características totais ou parciais do objeto perdido tomarem conta do sujeito e este se comportar na totalidade como se fosse o objeto perdido, aí teremos a identificação introjetiva.
Identificação é "o processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa". É por meio do fenômeno da identificação que se dá a humanização do sujeito, isto é, seu crescimento afetivo, intelectual, social e espiritual.
A identificação deve ser diferenciada do mecanismo da introjeção, já que este é apenas o protótipo da identificação.
Segundo Fadiman e Frager (1986), pode-se falar em vários tipos de identificação na Psicanálise:
- Identificação primária - aquela que ocorre na fase indiferenciada do recém-nascido, quando ele é dependente e está "amalgamado" com a mãe. O único diferencial é que o sujeito sente prazer ou desprazer e será por meio desse parâmetro de prazer e desprazer que o ego e os objetos começarão a ser construídos.
- Identificação secundária - ocorre ao longo da vida, a partir da fase de reconhecimento do outro. Quando a criança chega à idade do Édipo, pela primeira vez na história, seus desejos são negados (proibição do incesto). A identificação secundária constituirá, portanto, o superego.
- Identificação introjetiva - resultado da introjeção do objeto no ego, com o qual passa a se identificar totalmente ou parcialmente.
Pode-se ainda falar de outros tipos de identificação, tais como: identificação histérica, identificação total, identificação parcial etc., além da identificação projetiva.
Formação reativa é o mecanismo no qual o indivíduo exibe comportamentos, sentimentos e atitudes contrários àquilo que inconscientemente se rejeita, isto é, consciente-

mente o indivíduo apresenta uma atitude que, oposta ao desejo reprimido, constitui uma reação contra ele.
Esse mecanismo de defesa é muito comum em pais que rejeitam os filhos:
socialmente, os pais apresentam um comportamento de superprotetores e, todavia, eles reprimem os filhos, não assumem que não gostam desses filhos ou os excluem.

O deslocamento consiste em transferir as características ou atributos de um determinado objeto para outro objeto que se encontra articulado ao primeiro por um elemento comum: ocorre apenas a mudança de objeto, já que o ato é o mesmo. É medida defensiva comum no cotidiano de qualquer pessoa, sem que disso a pessoa tome consciência. O exemplo clássico é o do funcionário massacrado pelo chefe e que, ao chegar em casa, dirige toda sua agressividade contida sobre a mulher e os filhos. De certo modo, a pessoa até tem consciência da tensão a que está submetida, mas não se dá conta da causa original, do porquê de sua agressão à família.
Idealização é um mecanismo no qual o indivíduo atribui a outro indivíduo qualidades de perfeição, vendo o outro de um modo ideal, atribuindo-lhe qualidades de perfeição que o outro não possui, porque perceber que o outro tem defeitos será doloroso para ele.
A conversão consiste em uma transposição de um conflito psíquico e uma tentativa de resolução desse conflito por meio de expressões somáticas. Assim, o choro copioso e os risos imotivados também são conversões que precisam ter seu diagnóstico diferencial feito com as expressões emocionais normais. Toda conversão explicitada por meio da musculatura voluntária tem um significado simbólico.
A regressão representa o retorno a níveis anteriores do desenvolvimento sempre que o indivíduo se depara com uma frustração. Esse mecanismo de defesa é ativado toda vez que o indivíduo se depara com um conflito que não consegue resolver, retornando para antigas formas de organização da conduta, geralmente àquelas em que o conflito poderia ter sido resolvido.
Logo, a regressão é o ressurgimento de modalidades de funcionamento mental que caracterizam a atividade da psique do indivíduo durante as fases primitivas do seu desenvolvimento.
Racionalização é o processo pelo qual o indivíduo procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma atitude, uma ação, uma ideia, um sentimento etc., de cujos motivos verdadeiros não se apercebem. Pode ser a racionalização de um sintoma, de um delírio, de uma compulsão defensiva, de uma formação reativa, resultando em uma sistematização lógica. Em geral, não se costuma classificar a racionalização como mecanismo de defesa: apesar de sua manifestação defensiva, ela não é diretamente dirigida contra a satisfação pulsional, antes vem disfarçar secundariamente os diversos elementos do conflito psíquico. Uma forma peculiar de racionalização é a intelectualização, pela qual, com muita teorização, muitos conhecimentos e especulações tentam-se entender ou negar um conflito sem propor ou aceitar mudanças. Algumas pessoas utilizam a racionalização como mecanismo de defesa para não enfrentarem seus sentimentos: elas objetivam seus problemas, racionalizam sobre eles e não se deixam levar pela subjetividade.
Otto Fenichel (1998) considera a sublimação como a defesa bem-sucedida, pois ela é o processo pelo qual a energia, originalmente dirigida para propósitos sexuais, é direcionada para novas finalidades com frequência meta-artísticas, intelectuais ou culturais. Freud utiliza o conceito de sublimação para explicar as atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Para Sigmund Freud, a sublimação é responsável pela civilização, já que é resultante de pulsões subjacentes que encontraram vias aceitáveis para o que é reprimido. A sublimação é um processo de deslocamento, é um meio no qual se formam canais alternativos que os indivíduos utilizam para desviar ideias que os perturbam. Para exemplificar, podemos citar o caso de um pianista que se interessa por uma mulher que não corresponde ao seu amor. Para sublimar, ele toca

piano constantemente, como uma maneira de desviar sua atenção, sublimando sua paixão. Às vezes, as pessoas também realizam o processo de sublimação por meio de ações que, para elas, são inconscientes. A sublimação caracteriza-se por apresentar uma inibição do objeto e uma dessexualização. O indivíduo que sublima nada sabe sobre sua própria pulsão sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com o presente estudo que é preciso esclarecer que Freud estudou a função dos instintos ou pulsões na vida humana. Os instintos são fatores que promovem e impulsionam a dinâmica da personalidade dos homens. São as forças biológicas que liberam a energia mental. Freud considerava que existem os instintos de vida, as pulsões de vida (eros), e os instintos ou pulsões de morte (thanatos), que são uma força destrutiva. As pessoas são regidas por esses dois instintos e pulsões. Nas pessoas com depressão grave, há predomínio do instinto de morte, da pulsão de morte. Por isso, é preciso compreender as razões das patologias, os mecanismos inconscientes que levam os indivíduos a apresentarem determinadas energias pulsionais.

A noção de instinto de Freud também está relacionada com a ideia de defesa, alívio das tensões e satisfação das necessidades humanas. Quando utilizado, o termo instinto não deve ser empregado na mesma proporção que é para animais, pois de acordo com a interpretação psicanalítica, no homem os instintos estão associados a desejos físicos e mentais. Para sua própria sobrevivência, o homem precisa ser regido pelo princípio da vida, do prazer, mas também precisa direcionar-se pelo princípio da realidade, pois não é possível se orientar somente pelo princípio do prazer, nem tampouco apenas pelo princípio da realidade, sendo que na vida, são necessários momentos de fantasia, mas também de enfrentamento dos problemas e situações.

Faz-se imprescindível a compreensão de que as estruturas defensivas não são exclusivas da patologia, pois elas fazem parte, normalmente, do ajustamento, da adaptação e do equilíbrio da personalidade, enquanto a patologia está na quantidade de defesa utilizada, na sua rigidez etc. Cada estrutura terá tipos específicos de defesa e os mecanismos de defesa são mobilizados pela parte inconsciente do ego.

O desenvolvimento humano de quem apresenta deficiência intelectual não é uma condição, um atributo, mas um sentido fixado a partir de um campo discursivo. Há especificidades em cada caso que necessitam atenção, estudo e viabilização de práticas com intuito de garantir o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência intelectual.

REFERÊNCIAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de Psicologia do Desenvolvimento. 7 ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 82.

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. 12 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Diário Oficial, Brasília, DF, 8 out. 2001. Seção 1, p. 1.

DANTAS, Heloísa. A Infância da Razão: uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon. São Paulo: Manole Dois, 1990.

DER, Leila; FERRARI, Shirlei. Estágio da puberdade e da adolescência. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2002. p. 65.

DESCHAMPS, Denise. Complexo de Édipo e Orientação Sexual. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2007/08/27/complexo-de-dipo-e-orienta-o-sexual/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DOURADO, Ione C. P; PRANDINI, Regina A. R. Henri Wallon: psicologia e educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 2001, Caxambu-MG. Anais da Reunião da Anped. Rio de

Janeiro: ANPED, 2001. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/24/T2071149960279.doc. Acesso em: 10 fev. 2024.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Teorias da Personalidade. Tradução de: SAMPAIO. Camila Pedral; Safdié, Sybil. São Paulo: Harbra, 1986. p. 19, 22.

FENICHEL, Otto. Teoria Psicanalítica das Neuroses. 1 ed. São Paulo: Atheneu, 1998.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 43, 45.

_____. A questão do movimento no cotidiano de uma pré-escola. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 98, p. 37-49, ago. 1996.

Gomes. Adriana L. L. et al. Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Mental. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dm.pdf> Acesso em: 25 jan. 2024.

HERRMANN, Fabio. O que é Psicanálise. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984. p. 33-36

KUPFER, MariaC.M.Freud e a Educação: o mestre do impossível. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1989.

LACAN, J. Au-delà du "Principe de realité". Écrits. Paris: Seuil, 1966b.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Henri Wallon: psicologia e educação. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 14-15.

MORBIDELLI, J. D.O. Mal-Estar na Civilização – Sigmund Freud. Recanto das Letras, São Paulo, 16 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/86603>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SALES, Lea S. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana no imaginário. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v.17, n.1, p. 113-127. jan./jun. 2005

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Elle. História da Psicologia Moderna. Tradução de: SOBRAL. Adail Ubirajara, São Paulo: Cultrix, 1992.

WAGNER, Cláudio M. Freud e Reich: continuidade ou ruptura? São Paulo: Summus, 1996.

WALLON, Henri. O Papel do outro na consciência do eu. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa, 1973, p. 149-162

_____. O papel do outro na consciência do eu. In: WALLON, Henri. Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: Estampa 1975. p. 153, 22